

A RESTAURAÇÃO

REDAÇÃO

SEMÁNARIO CATHÓLICO

ADMINISTRAÇÃO

Séde social da empresa

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A RESTAURAÇÃO»

Officinas de composição e impressão

Rua de D. João I, 13—1.º andar

Typographia Minerva Guimarãesense

GUIMARÃES

Director e administrador—Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Fayo Galvão

APOSTOLADO NECESSÁRIO

Entre os periódicos que no mundo se publicam, ha-os bons e ha-os maus.

Ninguem ignora quaes sejam os bons e quaes os maus. O que muitos parecem ainda ignorar sam os deveres que deste facto resultam.

—Mas ha, em verdade, algum dever de nos occuparmos da imprensa?»

Perguntai-me antes se ha algum dever de denunciar a brados um incêndio, de gritar contra um assassino, ou de prevenir um amigo que corre perigo de se envenenar.

—Os que se envenenam com os maus periódicos, fazem-no porque querem. Isso é com elles.»

Nem sempre. Ha pessoas ingénuas que se envenenam sem o suspeitar.

Se as ha, que se envenenam de caso pensado, sem dúvida que sam culpadas; mas nem por isso as devemos abandonar. Exige de nós a caridade que lhes busquemos o *contraveneno*, que pelo menos as não deixe morrer.

—Mas é preciso saber de tudo.»

E' falso. O homem que quer saber de tudo, não tarda que não distinga a verdade da mentira, o bem do mal, o vício da virtude.

O periódico que *tem de tudo*, geralmente é cheio de mentiras e immoralidades.

O homem que *lé de tudo* intoxicia a intelligência e o coração.

—Mas não exaggerareis o mal produzido pelos maus periódicos?»

Não exaggero nada. O que se passa em Portugal quasi inteiro e noutras nações, prova que tenho razão.

Por toda a parte está surgindo uma geração sem fé e sem moral, que só aspira aos gozos impuros, à liberdade sem freio e à destruição da propriedade.

—E julgais que a imprensa seja a causa disso?»

Não tenho a menor dúvida. A imprensa ímpia e immoral, junta à escola sem Deus, que ella preparou e ajuda a sustentar, é a desgraça dos nossos tempos. A população pode avaliar-se pela imprensa que lê.

—Mas, a ser assim, está tudo perdido...»

Não: nem tudo está perdido.

Onde a imprensa cathólica é propagada, serve de *contraveneno*. Pois não falta quem se interesse por ella, quem a busque, quem veja que ella tem razão, devolvendo a outra aos seus tristes auctores.

Sómente o bom periódico não tem asas nem pernas; não brota do chão como os tortulhos em tempo próprio. E' preciso redigí-la, imprimi-la, expedí-la, propagá-la, pagá-la.

—E, se eu preferir cruzar os braços?»

Se cruzardes os braços, dir-vos-hei, muito *fraternalmente* que sois um *mau christão* e um *mau português*.

Um *mau christão*, porque deixais insultar, sem pestanejar, a Deus, vosso pae, e a Igreja, vossa mãe; um *mau português*, porque vos desinteressais do futuro da vossa pátria.

Se sois sacerdote, senhor duma

casa, pae de familia, esse dever é mais grave.

Ainda que porém não tenhais auctoridade sobre ninguem, nem por isso deixa de pesar sobre vós esse dever de caridade.

O dever varia em natureza e intensidade, mas existe urgente, imperativo para *todos*.

—Da minha parte, espero que desçamos até ao fundo: só então nos poderemos levantar.»

E, se nós lá ficarmos, no fundo?»

Por que é que será mais facil levantarmo-nos, quando tudo estiver perdido?»

Cura-se um doente, mas não se resuscita um morto. Contai as almas que se perderam aqui até lá.

Se nos applicássemos desde já ao trabalho, bastariam talvez vinte annos; se esperarmos mais, ser-nos-ha preciso um século.

—Então, na prática, que pretendes vós?»

Duas coisas: *combater* sem descanso o mau periódico, e *favorecer* o bom.

—E como combater o mau periódico?»

Primeiramente, não o comprando, não o assignando, não o lendo, não o elogiando, não cooperando de nenhum modo para o seu crédito, propaganda ou prosperidade. E' este o lado negativo.

Em segundo lugar, diminuindo a sua influencia por todos os meios *honestos*: mostrando os seus inconvenientes, procurando que ninguem o compre, o assigne, o leia ou para elle coopere de qualquer modo, e lidando por que seja substituído pelo bom periódico. E' este o lado positivo.

Respondamos primeiramente em suas próprias columnas a todos os seus aggravos pessoais. Infilijamos-lhe todos os processos que elle merecer. Firamo-lo na algibeira!

Se elle quiser transpor a nossa porta, façamos-lhe frente resoluta. Deixemos decididamente os commerciantes que o vendem ou favorecem.

—Isso é ser muito feroz!»

E' ser justo. Eu trato-o, como um pae trataria um miseravel que pretendesse attentar contra a honra de sua familia.

Trato-o, como o proprietário armado trata o ladrão que procura arrombar o seu cofre.

Trato-o em summa, como os seus auctores nos tratam a nós.

—E que fazeis da caridade?»

A caridade... pratico-a:

1.º a respeito da minha familia,

a quem exhorto;

2.º a respeito de meus vizinhos,

a quem advirto, e de meus amigos,

a quem perservo;

3.º a respeito dos próprios malfeitores de penna, cuja conversão e salvação peço a Deus, e aos quaes não faço pequeno serviço,

impedindo-os de fazerem todo o mal que meditam.

—E a liberdade de imprensa?»

Uso della. O sol da liberdade brilha para os maus: não vejo por que é que elle não ha de brilhar tambem para os bons. Uso della para instruir os meus semelhantes, para os elevar acima das práticas rasteiras de cada dia, para lhes ensinar os seus direitos e os seus deveres, para lhes fazer conhecer os seus *verdadeiros amigos*.

Os nossos adversários, pelo contrário, servem-se della para desfigurar os factos passados e

actuaes, para encher de coisas indignas as imaginações, para insultar tudo o que é respeitavel, para deminuir e destruir a fé. Sam lamentaveis as ruínas que elles cada dia accumulam.

E eu havia de ser indifferente a tantas calamidades? Não! Não!...

—Então estais pela máxima condemnada no Evangelho: «Olho por olho, dente por dente?»

Eu não faço esse mal a ninguem; não desejo senão bem aos meus adversários: mas aborreço o instrumento indigno de que elles se servem para me ferir.

Se puder, quebro-lho.

—E a face esquerda?»

Se me ferirem na face direita, consentirei em offerecer a face esquerda. Mas nosso Senhor nunca disse: «Se matarem vosso pae, offerecei vossa mãe ao gládio do assassino.»

—E que devo fazer para favorecer o bom periódico?»

Assignai-o, comprei-o, lêde-o. Prestai-lhe informações, procurai adverti-lo das suas imperfeições, propagai-o à roda de vós. Aconselhai-o, defendei-o, buscai-lhe assignantes, compradores, leitores, defensores. Organizai a sua venda avulsa.

Sêde seu amigo, seu conselheiro, seu collaborador, seu correspondente.

E não julgeis que isto seja obra dum dia. Emquanto o inimigo não tiver deixado de nos combater, havemos de nos defender sempre.

Mãos à obra pois, sacerdotes, mestres, paes de familia, proprietários, trabalhadores, christãos todos, que tendes no peito o amor das almas, o amor da familia, o amor da pátria, o amor da religião!

Mãos à obra em favor da boa imprensa!

Semeemos a mãos cheias o bom grão: elle nascerá, elle fructificará, apesar das insídias do homem inimigo. A seara será bella e a colheita abundante.

(Adaptado.)

«A mentira é a mais insupportavel cobardia: é temer os homens e affrontar a Deus.»

Sterne.

«Correio do Norte,»

Intitula-se assim um novo diário que no último domingo se começou a publicar no Porto. Tem como subtítulo «diário catholico da manhã».

Apesar de reconhecermos bem a necessidade da imprensa catholica—pela qual temos feito custosos sacrificios—, não sentimos grande satisfação com o apparecimento do novo combatente. E diremos as razões do nosso pensar com a mesma franqueza com que fazemos esta affirmacão.

Em primeiro lugar, deu-nos na vista o modo mysterioso como se preparou a saída do *Correio do Norte*.

Estamos tam habituados às difficuldades com que lutam, por desgraça nossa, as empresas catholicas, e a presenciar os passos multiplicados, embaraçosos e de longa duração, com que se vêem

obrigados a preparar o seu apparecimento, ou ainda qualquer mudança de vida, outras publicações semelhantes, que nos espantou e deixou desconfiados o modo contrário como as coisas se passaram com o *Correio do Norte*.

Não ser necessário pedir auxilio aos catholicos para fundar um diário catholico, quando as outras empresas do mesmo género, com raizes e créditos mais antigos, a cada passo precisam de appellar para as convicções e zelo dos amigos da boa causa!...

Haver almas, por um lado tam generosas que dam grossos capitães, ou assidua collaboração, e por outro tam humildes que até o bom exemplo as amedronta; almas, de cuja existência e virtudes ninguem suspeita!...

E serem essas pessoas virtuosas de tal categoria e condição, que o illustre editor responsavel julgou conveniente declarar em publico, logo no primeiro número da sua folha, que nenhum dos seus cooperadores é padre, quando, felizmente, o clero costuma ser elemento certo em coisas semelhantes!...

Tudo isto, acompanhado duns rumores insistentes sobre a origem e intuitos da nova publicação, deixou a nossa razão perplexa sobre a virtude e humildade com que os promotores da empresa têm furtado o seu nome ao conhecimento publico.

E esperamos que ninguem se escandalizará de que uma coisa tam insólita e singular produzisse em nosso animo os effeitos que costumam produzir os casos dessa natureza.

Em segundo lugar, o ser essa pleiade de anónimos beneméritos da causa catholica consubstanciada num escriptor, talentoso e erudito sim, mas cujas mudanças de orientação se contam quasi pelas phases da lua; num escriptor que costuma começar e não acabar; num escriptor que, em documento que nos auctorizou a publicar, declara perfilhar «com o mais sincero enthusiasmo» doutrinas que a Santa Sé condemnou; num escriptor que, tendo estado na redacção dum diário catholico, veio fazer em publico uma revelação, que, a ser verdadeira, representava uma feia quebra de segredo profissional e um grave abuso de confiança, mas que se demonstrou ser uma calúnnia, grandemente danosa para os créditos da publicação—calúnnia de que os inimigos da causa catholica se aproveitaram, sem que o seu inventor se commovesse—: tudo isto augmentou desde o principio a nossa desconfiança.

Mas agora, que vemos não só o *Correio do Norte* elogiado—o que não admira muito—, mas as suas doutrinas perfilhadas pelas publicações mais avançadas; agora, que o vemos aconselhar ao governo do snr. Teixeira de Sousa que intervenha nas coisas ecclesiasticas e de consciência; agora acabaram as nossas hesitações e desconfianças; agora vemos claramente no *Correio do Norte* o que desde o principio receamos que elle fosse.

Quer o director do *Correio do Norte*—segundo o seu velho costume de affirmar continuamente o seu catholicismo—que o poder civil respeite a liberdade com que o Papa deve communicar com os

catholicos: o que é uma coisa excellente.

Mas quer que o governo requiera à Santa Sé explicações do seu procedimento; explicações que, em vários casos semelhantes, a Santa Sé não tem dado; explicações cujo pedido pode constituir uma violência contra a apregoadá liberdade da auctoridade espiritual.

Que tem o governo com a interpretação que um ou outro catholico dá a um documento pontificio?

Se algum dia surgirem dúvidas em algumas almas a respeito do sentido de algum artigo de fé, da interpretação dum cânone conciliar, ou dalguma disposição ritual, quer o illustre director do *Correio do Norte* que o poder civil tome o caso à sua conta para provocar explicações da auctoridade suprema da Igreja, para pedir uma definição dogmática ou a reunião dum concilio?

Repetimos: que tem o governo com o modo como os catholicos entendem as direcções espirituales? As dúvidas nesta matéria não sam da exclusiva alçada da auctoridade espiritual? Se se trata de casos de consciência, a que vem a intervenção da auctoridade temporal?

Assim, isto é, aconselhando tal intervenção, é que o illustre escriptor julga assegurar a independencia da auctoridade espiritual?

Mas o illustre escriptor vai mais longe nos seus desejos de intervenção civil. Fazendo claras e injuriosissimas insinuações contra auctoridades ecclesiasticas, aconselha ao governo procedimentos... que um dos nossos mais descarados jacobinos aconselhava no mesmo dia.

O *Correio do Norte* não merece, não pode merecer a confiança dos catholicos; e isto na mesma proporção em que merece as boas graças e a confiança dos peores inimigos dos mesmos catholicos.

Infelizmente, o poder civil não precisa de que o aconselhem a cercar as liberdades da Igreja.

Lastimoso é o estado da Igreja em Portugal: mas mais lastimoso é que até aquelles que se apregõam seus defensores pedem para ella novas cadeias!...

«O espirito sem juízo é um navio sem lastro nem leme.»

Wicherley.

JUSTIÇA!

Cá estamos no nosso posto, depois de uma ausencia involuntaria, posto que não abandonaremos emquanto não fôr feita justiça inteira á professora Miranda de Barros, que continua suspensa em virtude de infundadas accusações e torpes calúnnias que o subinspector perfilhou para satisfação dos seus instinctos malfazejos e odios inconfessaveis.

Agora que ao governo preside o snr. conselheiro Teixeira de Sousa, que declara querer governar com a lei e fazer inteira justiça dando a Pedro o que é de Pedro, e que se diz liberal dos quatro costados.

Agora que s. ex.^a vae inaugurar uma vida nova de moralidade e acabar com todas as refinadissimas poucas vergonhas, que têm sido o pão nosso de cada hora e vamos, finalmente, vêr de nariz torcido todos os tartufos que se arvoram impunemente em regulos.

Agora que s. ex.^a vae *atterrar* e sanear o pantano politico em que medram os traficantes apadrinhados e morrem asphixiados os desprotegidos honestos e honrados.

Agora... Mas que dizemos nós?! Tudo isto sam coisas bonitas que ouvimos aos correligionarios de s. ex.^a mas em que, francamente, só acreditaremos quando virmos que os factos correspondam ás bonitas promessas que é da praxe fazer antes das eleições...

Todavia, agora... que dirige os destinos da patria o prestigioso chefe do partido regenerador, unico homem capaz de endireitar as coisas publicas, o homem em quem a nação desposita toda a esperança de renascimento,—como hontem nos dizia o nosso bom amigo F... agora, diziamos, é occasião de fallar claro e alto e fazer chegar a voz dos opprimidos até á presidencia do Conselho de Ministros e bradar:

Senhor Ministro do Reino: No Circulo escolar de Guimarães têm sido praticadas prepotencias e perseguições que indignam a opinião publica;

No Circulo escolar de Guimarães é subinspector de instrucção primaria um homem que, sem sciencia, sem aptidões nem autoridade moral, só sente prazer perseguindo os subordinados cumpridores e honestos.

Este homem, que de simples caixeiro ou socio duma livraria foi guindado por influencia de amigos ao lugar de subinspector, sem nenhuma qualidade que para tal o recommendasse, tem deixado por toda a parte onde desempenhou as funções do seu cargo, a ruina, a fome e as lagrimas das suas victimas e segue-o de circulo para circulo um côro de maldicções.

Este homem, cujo passado está rotulado por uma sentença que o condemna por crimes de abuso de confiança e diffamação;

Este homem, que não pôde fallar de moralidade, pela mesma razão que se não falla em corda em casa de enforcado...

Este homem persegue os innocentes que, embora cumpridores e intelligentes e de comportamento irreprehensivel, tiveram a desgraça de não lhe agradar, ao mesmo tempo que encobre, conhecendo-os, verdadeiros crimes de outros seus subordinados, porque estes, curvando abjectamente a cerviz, sabem lisongear-lhe as vaidades!

Este homem, que um illustre professor de instrucção secundaria, nos affirmou não saber conjugar o verbo *arguir*, não pôde nem deve continuar no lugar que desempenha, por falta de capacidade moral e de capacidade scientifica e pedagogica.

A opinião publica está indignada e em nome dessa opinião, em nome dos professores deste e doutros Circulos, pedimos a V. Ex.^a, Senhor Ministro do Reino, uma syndicancia, mas syndicancia a valer, aos actos do subinspector snr. Justino Ferreira e pedimo-la convictos de que, se ha justiça, este homem será demittido.

Se assim não fôra, se o subinspector não tivesse a certeza de que uma syndicancia aos seus actos seria a sua morte como funcionario, já elle a teria solicitado, por ser esse o seu dever desde que a imprensa o accusa.

Pois visto que elle a não pede, visto que receia aquillo que todos os homens honestos solicitam quando se sentem alvejados pela censura publica, visto que elle não procede como altiva e nobremente procedeu a sua victima, a pro-

fessora Miranda de Barros, é porque não tem como esta senhora a hombridade e a coragem que dam a consciencia limpa e a convicção do dever cumprido!

Pedi-la-hemos nós aqui, tantas vezes quantas sejam precisas para que o snr. Ministro do Reino nos attenda.

E hade attender-nos; assim o esperamos, tanto mais que andam por ai certos *zuns zuns* que se prendem com pessoas que interessam a s. ex.^a o snr. Ministro do Reino é que, a realizarem-se, explicariam até certo ponto o motivo da perseguição iniqua feita á professora Miranda de Barros.

A seu tempo fallaremos, se tiver visos de verdade o que por aí se diz a tal respeito.

O nosso ultimo artigo findou na altura em que os nossos apontamentos tratam da segunda syndicancia, que, para inglez vêr, a fim de *cohonestar* o abafarete que se fez ao relatorio do primeiro syndicante snr. Bento José da Costa, veio aqui simular o snr. dr. Alves dos Santos.

Como já dissemos, este senhor nada syndicou; nenhuma diligencia fez para conhecer a verdade dos factos que aqui temos exposto.

Sua ex.^a, contra tudo o que manda a boa norma de proceder de um funcionario encarregado de tal serviço, não revestiu do caracter de imparcialidade e independencia a sua missão de syndicante.

Bem ao contrario, o snr. dr. Alves dos Santos foi hospedar-se na casa onde vive o subinspector; convive intimamente com elle e, abstraindo do physico em que muito se differenciam, pareciam dois irmãos siameses, durante a sua permanencia em Guimarães.

Dizendo-se encarregado de um *inquerito á instrucção no Circulo de Guimarães*, declarou que vinha visitar todas as escolas do Circulo, estudar o caracter e conhecer da biographia e psychologia de cada professor, ouvir a todos, um por um, sem coacção, e attenderia as suas queixas para se habilitar a fazer um relatorio imparcial e justo.

Pois todo este fogo de vistas era uma cantata! Sua ex.^a apenas visitou a escola particular da Ordem de S. Francisco, a escola Central do sexo feminino e não sabemos se a do sexo masculino.

E com isto se deu por habilitado a fazer um relatorio, que, se é o que o «Primeiro de Janeiro» affirmou, é um rosario de falsidades, que pouco abonam o illustre lente!

Toda a gente sabe em Guimarães, que o snr. dr. Alves dos Santos não ouviu o professorado, não ouviu uma unica testemunha, não fez uma unica diligencia para averiguar a verdade.

Ouviu apenas o subinspector e não teve reluctancia em fazer obra pelas informações do syndicado!

Mas o mais grave é que sua ex.^a não interrogou officialmente a professora Miranda de Barros; não lhe deu conhecimento das accusações que lhe eram feitas e, assim, não lhe facultou, como era seu dever, os meios de defesa.

Pelo contrario, fallando com a professora—que, como bem se percebe, era a unica pessoa alvejada secretamente no seu famoso *inquerito ao circulo*—disse-lhe que *estivesse tranquilla, porque mal algum lhe podia resultar da syndicancia, pois tinha muita razão nas suas queixas e reclamações; que estava convicto de que ella era uma professora honesta, trabalhadora e estimadissima e que ia propo-la para a Regencia da Escola central.*

Se isto é verdade, como cremos, que classificação deveremos dar ao procedimento do dr. Alves dos Santos?

A que precario estado chegou

o nosso meio social, se temos que duvidar da integridade do caracter de um lente de theologia da Universidade?

Fomos dos que ouviram a conferencia de sua ex.^a na Sociedade Martins Sarmiento, em que o illustre lente disse mal de tudo e de todos com um desassombro, que nos espantou, chegando a pôr pela rua da amargura a nossa Escola Industrial, na presença de alguns dos seus illustres professores. Tivemos, por isso, a impressão de que sua ex.^a não tinha *papas na lingua*, e *cortava a direito*, como sóe dizer-se, mas afinal cremos que toda aquella independencia era fingida como fingida foi a sua syndicancia.

Consta que, no seu relatorio, o snr. dr. Alves dos Santos affirmava que o edificio escolar é optimo e que a má visinhança ha muito tempo tinha desaparecido. Que a lucta encetada contra o subinspector tinha por origem o desleixo e abandono em que elle encontrou a instrucção neste circulo, que pretendia trazer a melhor andamento. Que a professora Miranda de Barros é insubmissa e desrespeitosa!

Ao Snr. Director Geral da Instrucção primaria affirmamos nós e comosco toda a cidade de Guimarães, que aquellas tres affirmações sam completamente falsas e que só podia faze-las o subinspector snr. Justino Ferreira. O snr. dr. Alves dos Santos, pelo seu caracter sacerdotal, pela sua elevada categoria, não podia faltar assim á verdade. Não podemos nem queremos fazer tal conceito de s. ex.^a!

O snr. dr. Alves dos Santos foi illudido na sua boa fé e assignou, talvez sem ler, o que o seu amigo subinspector lhe apresentou como sendo a expressão da verdade.

E dizemos, *sem ler*, por que se s. ex.^a lesse taes falsidades não as perflharia, por isso que estão em completo desacordo com o que s. ex.^a affirmou na Sociedade Martins Sarmiento quando disse — que Guimarães era, de todas as terras do país, aquella onde os serviços escolares nada deixavam a desejar por parte do professorado e onde mais bem montados estavam esses serviços, etc.

Se s. ex.^a disse na Sociedade M. Sarmiento aquillo que realmente sentia, como poude affirmar no relatorio que o subinspector encontrou a instrucção aqui em perfeito estado de desleixo e abandono e que *pretendia trazer esses serviços a melhor andamento?*

Flagrante contradicção!
Esses *desleixo e abandono* sam pura invenção de quem quis sujar com a baba da calumnia a memoria respeitavel de um subinspector que, ao contrario do snr. Justino Ferreira, soube captar neste circulo as sympathias geraes.

Contra esse estado de desleixo e abandono, adrede inventados para justificar as prepotencias e perseguições do actual subinspector, a quem a «Federação Escolar», no seu ultimo numero chama *Carrasco*, falla bem alto a Sociedade Martins Sarmiento nas suas festas annuaes de distribuição de premios a professores e alumnos!

Se esse estado existisse, seria competente para *trazer o circulo escolar a bom andamento* um subinspector que, na presença de um professor de instrucção secundaria, *não soube conjugar o verbo arguir?*

Francamente, nós só acreditamos que s. ex.^a assignou o relatorio, mas que não o leu!

A outra affirmação do relatorio, — *que o edificio da escola é optimo e que não tem má visinhança*, só pode faze-la quem esteja de má fé, ou quem, de muito boa fé se deixasse enganar; e o snr. dr. Alves dos Santos não pode ter responsabilidade nesta

offensa á verdade, porque, como já dissemos, s. ex.^a não conhece esta cidade e nada averiguou. Veio, passeiou, divertiu-se, fez discursos, foi incensado e *lustrado*; mas não syndicou, não indagou, não cumpriu o seu dever, emfim!

Se o houvesse cumprido, outro teria sido o resultado da syndicancia. Não estaria injustamente suspensa uma professora que é, como muito bem diz a «Federação Escolar», honesta e digna, esposa exemplar, mãe carinhosa e professora distincta, galardoada com os premios mais honrosos e com os diplomas mais elevados!

O subinspector é que já teria despachado as malas!

Ora, para desfazer esta conclusão iniqua do relatorio do snr. dr. Alves dos Santos, basta-nos fazer a transcripção do seguinte documento, escripto pelo proprio punho do virtuoso D. Prior da Real Collegiada de Guimarães, venerando sacerdote a quem esta cidade, sem uma unica excepção, estima, venera e respeita como sendo a encarnação da probidade:

«Nós abaixo assignados, parochos das freguezias de N. S. da Oliveira e sua annexa de S. Miguel do Castello, de S. Paio e de S. Sebastião, todas da cidade de Guimarães, declaramos ser verdade e juraremos se necessario fôr, que, principalmente desde alguns annos, a rua de Santa Maria, desde o edificio da Escola Central para meninas, até á distancia de vinte e cinco metros, pouco mais ou menos, é logar muito improprio para a referida Escola; porquanto é sitio sujeito a disturbios e a exemplos de immoralidade, causados por uma e ás vezes mais tabernas, que nelle estão abertas, e pelos alcouces de meretrizes, que nelle existem e na Praça de S. Thiago que lhe fica muito proxima; pelo que é da maxima conveniencia ou que essa desgraçada população seja dali removida, ou que se escolha outro local para a mesma Escola. Guimarães, 25 de maio de 1910. (aa) D. Prior Manuel de Albuquerque. Joaquim Ferreira de Freitas, Prior de S. Paio. Francisco Saraiva Brandão, Parocho de S. Sebastião. Seguem os conhecimentos.»

Finalmente, a affirmação de que a professora Miranda de Barros é insubmissa e desrespeitosa, é uma affirmação gratuita!

Chama-se-lhe insubmissa, porque offendida no seu pundonor de senhora e mãe, não quis habitar a casa que o subinspector lhes destinou em pleno bairro de prostitutas!

E' insubmissa, porque mostrou reluctancia em instalar a sua escola de meninas entre tabernas e lupanares!

E' insubmissa porque, fundando-se nos protestos da junta de parochia e dos paes das suas alumnas, recorreu para as instancias superiores, afim de que o subinspector não consummasse o facto immoralissimo e prejudicial aos bons costumes dos creanças, de transferir a escola para um local onde as senhoras honestas evitam passar para não presenciarem scenas degradantes!

E' insubmissa por ter reclamado contra os frequentes côrtes no vencimento, que, sem motivo justificado, frequentemente lhe fazia o subinspector.

E' insubmissa porque, vendo-se insultada, vexada e desrespeitada officialmente pelo seu superior, teve a hombridade, que o snr. Justino Ferreira não teve, de pedir uma syndicancia aos seus actos!

E' desrespeitosa porque, senhora intelligente e instruida, sabendo medir a distancia moral que ha entre ella e o subinspector, tendo perfeita consciencia da sua superioridade intellectual e scientifica, que os seus diplo-

mas demonstram, em relação a um fiscal da instrucção que não sabe conjugar o verbo *arguir*, nunca baixou a lisongear a vaidade desse senhor!

Mas nós temos aqui as copias de todos os officios, que a professora dirigiu ao subinspector desde o inicio da perseguição, e provaremos que nunca ella foi desrespeitosa para os seus superiores.

Pereira do Paço.

«A honra é uma pedra preciosa, da qual o preço é muito diminuído pelo menor defeito.»

Bossuet.

Anecdotas históricas

CCII

«*Eu quero ver Jesus.*»—No congresso de Paray, em 1897, o cardinal Perraud contou uma história que ouvira ao cardinal Vaughan, arcebispo de Westminster, por occasião duma sua viagem á Inglaterra. Dois meses antes um ministro protestante conduzia uma sua filha de cinco annos a uma igreja catholica. A creança vê a lâmpada do santuario, e diz a seu pae: «Papá, para que é aquella lâmpada?—E' porque Jesus está acolá.—Eu quero ver Jesus.—Mas não podes, porque elle está fechado atrás daquella porta dourada.—Papá, eu quero ver Jesus.—Mas não podias vê-lo, ainda que a porta estivesse aberta, porque elle está envolvido num veu.»

O ministro e sua filha continuam o seu passeio. Entram numa igreja protestante. A creança busca a lâmpada. «Papá, aqui não ha lâmpada?—Não, minha filha!—Então por quê?—Porque ali não está Jesus!—Oh! eu quero estar onde está Jesus!»

Alguns dias depois, o ministro protestante, que já se sentia inclinado para o catholicismo, mandava a sua demissão de pastor ao seu bispo anglicano e entrava na religião catholica com sua mulher e seus filhos. Por este acto corajoso renunciava a um beneficio de 3 a 4 000 libras de rendas, e condemnava-se quasi á miséria, se não fosse a caridade do cardinal Vaughan, que o protegeu.

CCIII

«*Os ratos e o Monte Branco.*»—Eiz um original rasgo oratório do Padre Combalot. Prêgava um dia este sacerdote numa grande igreja de Lyão. Depois de haver flagellado com a sua palavra vigorosa os incrédulos contemporâneos, que se não cansam de repetir estupidamente que a Igreja catholica está morta e que afinal lhe vam fazer o entêrro, o orador descia do pulpito a passos lentos, quando, subitamente, pára e torna a subir. «Meus irmãos,» diz elle aos ouvintes admirados «da vossa cidade de Lyão avistais o Monte Branco: não é verdade? Pois bem: eu vos asseguro que os ratos nunca o comerám!»

Um sorriso pairou no rosto dos ouvintes, que o tinham entendido.

E sam bem dignos de riso esses insensatos que todos os dias apregoam que a Igreja tem os seus dias contados. Pobres ratos! Os seus dentes sam muito menos poderosos contra a Igreja, do que os de que fallava o Padre Combalot contra o colosso do Monte Branco.

CCIV

«*Um caminho para a loucura.*»—Nem tudo o que Rousseau deixou escripto sam desconcertos: o transviado escriptor tinha momentos em que a razão se impunha. Eiz umas palavras suas, que o demonstram: «Ha quem se quei-

xe de que os romanses perturbam as cabeças. Creio-o bem. Mostrando continuamente aquelles que os lêem os supostos encantos dum estado que não é o seu, seduzem-nos e fazem-nos desdenhar o seu estado e trocá-lo imaginariamente por aquelle que lhes fazem amar. Querendo ser o que não somos, chegamos a julgar-nos uma coisa diferente do que somos: e eiz como um homem se pode tornar louco.»

«Aquelle que passa do termo, erra tanto como aquelle que lá não chega.»

Montaigne.

Curiosidades

Uma rosa.—O duque de Malboroug passeava recentemente nos jardins dum estabelecimento inglês de horticultura em companhia duma menina, que subitamente, ficou extasiada deante duma rosa de soberbo colorido. O duque colheu a rosa e offereceu-lha.

No dia seguinte porém ficou admirado de receber uma factura da casa hortícola, em que se lhe pedia pela rosa a quantia de (em moeda portugueza) 750.000 réis. Pareceu-lhe excessivo o preço da flor, e preferiu ir para os tribunales questionar a exigência do horticultor. Mas este acaba de ganhar a demanda, porque logrou provar que precisava de dez annos de cuidados para obter aquella nova variedade de rosa.

Tudo se paga...

Um acrobata.—Ha cada tolo!... Os leitores fazem alguma ideia do que sam as majestosas quedas do Niagara. Pois ha pouco tempo um acrobata, de nome Wilson, offereceu-se para dar, durante umas festas, um espectáculo que, só imaginado, faz tremor.

A sua temerária proesa consistia em atravessar o rio, precisamente por cima da cataracta, suspenso pelos dentes a um trapésio que escorregava ao longo dum cabo. Milhares de espectadores assistiam á louca tentativa.

Wilson parecia levar a bom termo a sua empresa, quando, no meio do trajecto, parou, e durante quarenta e cinco minutos ficou suspenso em cima do abysmo, sustentando-se ora com um braço, ora com o outro, ora pelos pés. Finalmente conseguiu-se fazer chegar até elle uma corda que passava numa roldana, e o imprudente acrobata foi recolhido por um barco.

Não ha de ser tentado a repetir tam cedo a louca façanha.

Perdões.—E' sabido que os Ingleses sam, em geral, pouco clementes com os criminosos. Todavia o rei Jorge V, por occasião do seu advento ao throno, concedeu o perdão, segundo o costume, a numerosos prisioneiros de direito commum.

Pois houve um curioso pessimista que, para demonstrar a inefficácia de semelhante medida, se deu á diligência de investigar o que tinha sido feito dos agraciados. E querem os leitores saber os resultados a que elle chegou? De cem habitantes duma só prisão, dezoito, antes de oito dias, já haviam sido restituídos ás suas células por novos delictos, e oitenta acham-se actualmente presos outra vez.

Eiz no que vem a dar a clemência com quem a não merece. Em Portugal, está bem demonstrada pela experiência a mesma these.

O perdão é bom para os arrependidos; para os impenitentes, equivale á negação da justiça.

«Os argentários sustentam o estado, como a corda sustenta o enforcado.»

Montesquieu.

Qual é a minha vocação

O que devo aconselhar acerca da escolha de estado?

CONVERSAS

de Theophilo com um missionario

III

DO ESTADO RELIGIOSO

II conversas

O missionario.—Estamos chegados, Theophilo, á perfeição do estado religioso.

Theophilo.—Que felicidade para mim ter esta occasião de lhe conhecer o merito! Eu não sei nada delle senão o que o mundo diz, e não tenho confiança nos juizos do mundo.

O missionario.—Um estado é tanto mais excellente quanto é mais nobre o fim que elle se propõe e mais perfectos os meios de o attingir que elle offerece! O estado de vida commum é santo, porque tem por fim fazer adquirir e conservar, neste mundo, pela prática dos mandamentos de Deus, o estado de graça, a caridade essencial á vida christã e no outro mundo a vida eterna.

Theophilo.—O estado religioso pode pois ter um fim mais sublime e meios mais efficazes?

O missionario.—Sim, seguramente. Elle tende principalmente, é certo, a fazer adquirir o estado de graça; porque é isso o que ha de mais necessario ao homem neste mundo. Tem tambem em vista um cumprimento dos mandamentos que exclue tanto quanto possivel os peccados veniaes. Mas não fica por ai. A perfeição puça que tende o estado religioso consiste no desejo de cumprir a vontade de Deus, manifestada até pelos conselhos.

Theophilo.—Que nobre fim!

O missionario.—Sim, Theophilo, o estado religioso tem por fim estabelecer aquelles que o abraçam numa disposição semelhante á dos bemaventurados. Tende a fazer reinar Deus na terra como no ceu.

Theophilo.—E os meios que elle offerece estão em relação com um fim tam elevado?

O missionario.—Incontestavelmente; os meios de aquitir a perfeição que o estado religioso ajunta aos mandamentos de Deus sam os conselhos evangelicos. Ora, estes tres conselhos affastam do homem tudo o que o impediria de se dirigir inteiramente para Deus, isto é, o desejo dos bens temporaes, que baniiu pelo voto de pobreza; depois, o desejo dos gozos grosseiros dos sentidos, que o voto de castidade refreia; enfim, a desordem da propria vontade, que o voto de obediencia reprime. E estes tres votos reunidos libertam das solicitudes a que dam causa as riquezas, o cuidado duma familia e a liberdade de dispôr dos proprios actos, solicitudes que abafam o zelo da perfeição.

Theophilo.—Eu nunca tinha comprehendido tam bem a bondade de Nosso Senhor, dando os seus conselhos aos homens, para a cura de suas tendencias más.

O missionario.—Convem além disso comprehender que os tres conselhos evangelicos, cujo voto os religiosos fazem, consagram o homem todo á gloria do seu Creador. O religioso dá a Deus, pelo voto de pobreza, os seus bens; pelo voto de castidade, o seu corpo; pelo voto de obediencia, a sua alma; e por isso é que elle é chamado religioso por excellencia; faz de si mesmo um sacrificio completo, e o sacrificio completo é um acto de religião da ordem mais elevada.

Theophilo.—O estado religioso

é pois ainda mais perfeito que o celibato guardado no mundo?

O missionario.—Egualar a vida secular á vida religiosa seria conformar-se com o erro do heretico Vigilancio. Aquelles que no mundo guardam o celibato ou a virgindade praticam um só conselho, e é o que torna o seu estado mais perfeito que o matrimonio; mas os religiosos guardam, além do conselho de castidade perfeita, o conselho de pobreza e o de obediencia.

Theophilo.—E' evidente que se agrada tanto mais a Deus quanto mais se lhe dá; mas, impondo-se uma pessoa á prática dos conselhos, não torna a sua salvação mais difficil, por isso que contrahe novas obrigações?

O missionario.—Não, Theophilo; a addição dum contraforte a uma casa que ameaça ruína, accrescenta ao peso dos muros, e todavia sustenta-os e impede-os de cair. Dá-se o mesmo com os conselhos evangelicos: ajudam e facilitam o cumprimento dos mandamentos de Deus. Não é claro que o que renuncia aos seus proprios bens está muito menos exposto que outro a buscar riquezas por meios injustos? Os conselhos dum amigo sabio sam de grande utilidade, diz a este respeito S. Thomás; ora, Jesus-Christo é o Sabio e o Amigo por excellencia: os conselhos sam por consequencia muito uteis.

Theophilo.—Effectivamente, Nosso Senhor não pode permittir que aquelles que sam docéis em seguir os seus ensinamentos mais sublimes, nelles encontrem mais difficuldades para a sua salvação.

(Continua)

«A injustiça é sempre a ruína infallivel dos impérios.»

Solon.

Noticiario

As festas da cidade e feiras francas de S. Gualter.

—Proseguem activamente os trabalhos para que as festas de agosto sejam coroadas do melhor exito, como de resto é já sabido que ellas attingiram um brilhantismo inexcelsavel, devido ao incansavel esforço do muito digno presidente da Associação Commercial desta cidade, snr. João Gualdino Pereira, coadjuvado pelos membros da prestantante associação a que preside.

O programma desses grandiosos festejos está em elaboração technica, devendo ser distribuido na proxima semana.

O cartaz, que é de um bellissimo effeito, tambem está em vias de conclusão.

Os pavilhões para a Exposição Agricola e Mercado Especial das Industrias Vimaraneses acham-se muito adiantados.

Tambem já se deu começo ao alargamento do coreto do Jardim Publico para o concerto musical.

Sobre o conjunto das festas fallaremos mais de espaço nos proximos numeros, depois de serem conhecidos todos os numeros, a alguns dos quaes, mais ou menos, nos temos já referido.

A commissão encarregada de solicitar a ornamentação dos predios já se desempenhou dessa missão, tendo sido bem recebida, ao que nos informam, por todas as pessoas a quem se dirigiu.

A *marcha milaneza*, levada a effeito pelos empregados de commercio desta cidade, é um dos numeros que, pela sua originalidade e pelo luzimento com que tem sido exhibida nos annos anteriores, deve despertar especial interesse.

Finalmente, a *batalha de flores*, que no anno passado tanto realce deu ás festas, pela forma

A PRIMAVERA

Estabelecimento de fazendas brancas e miudezas

— DE —

OLIVEIRA & IRMÃO

Grande e variado sortido de artigos para a presente estação por preços limitadissimos.

Visitem todos a casa **Primavera** junto á igreja de S. Pedro—Guimarães.

por que foi levada a effeito, as ornamentações das ruas e largos e as brilhantes illuminações, de que está encarregado o habil ornamentalista e illuminador snr. Emiliano Abreu, darão ao conjunto das festas extraordinario brilhantismo, não sendo demais antever por isso que o numero dos nossos visitantes será extraordinario, e que todos irám daqui plenamente satisfeitos e com o desejo de, para o anno, se Deus quizer, nos dar a honra da sua nova visita, fazendo-se ainda acompanhar por todos os que não tenham tido occasião de apreciar os deslumbrantes festejos.

Eleição.—No ultimo sabbado procedeu-se á eleição da mesa da Santa Casa da Misericordia para o anno de 1910-1911, ficando assim constituída:

Provedor, Augusto Mendes da Cunha.

Escrivão, Alfredo Ribeiro Bellino.

Thesoureiro do cofre, Manuel Martins Barbosa de Oliveira.

Thesoureiro do juro, Rodrigo Augusto Lopes Pimenta.

Conselheiros, Candido José de Carvalho, Jeronymo Antonio Felix, João de Oliveira Martins e Justino José da Silva.

Mórdomos, Augusto José Borges, Francisco José Ribeiro, Henrique Pinto de Figueiredo, José Joaquim Peixoto, Manuel Joaquim de Castro e Seraphim da Rocha.

O definitorio ficou constituído pelos seguintes cavalheiros:

Conego Alberto da Silva Vasconcellos, Antonio José da Silva Basto, Antonio Pereira da Silva, Conde de Margaride, João Fernandes de Mello, Conego dr. Manuel Moreira Junior, Domingos da Silva Branco, João Paulo da Silva, Joaquim Lopes de Carvalho, José Joaquim Alves, Manuel Pereira de Macedo e Simão Costa.

Esta mesa já tomou posse.

Seminario Lyceu de Guimarães.

—Foram nomidados os seguintes professores para presidir aos jurys de exames de instrucção secundaria, periodo transitorio, no lyceu nacional desta cidade:

Philosophia—Presidente, José Maria Gomes, professor do lyceu. Vogaes: dr. Antonio Julio de Miranda, idem, Antonio da Silva Ribeiro, idem.

Mathematica, 1.^a parte—Parte, dr. Araújo Pereira da Silva, idem. Vogaes: Conego Alberto da Silva Vasconcellos, idem, José Luis de Pina, idem.

Physica, 1.^a parte—Presidente, dr. Manuel Moreira Junior, idem. Vogaes: dr. Pedro Gonçalves Sanches, idem, dr. Fernando Gilberto Pereira, idem.

Desenho, 2.^a parte—Presidente, dr. João Martins de Freitas, idem. Vogaes: Conego Alberto da Silva Vasconcellos, idem, José Luis de Pina, idem.

Tambem foi nomiado presidente do jury dos exames de saída do curso geral, 2.^a secção, e dos cursos complementares, no lyceu de Guimarães, o snr. dr. João Monteiro de Meira, lente da Escola Medica do Porto.

S. Torquato.—Foi extraordinariamente concorrida a grande romaria de S. Torquato, relisada no ultimo domingo, não havendo, no meio daquella enorme multidão, a mais pequena alteração da ordem.

O rendimento das esmolas nos tres dias da romaria foi de reis, 4:792.560 incluindo nesta verba 40 grammas de oiro, um relógio de prata, e 99 libras, 2 moedas de dois mil reis e meia libra em oiro.

Sorteio.—Os graphicos da Typographia Minerva Vimaranesense pedem-nos para fazer publico que os tres primeiros premios da loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, que se effectuou no passado dia 7 do corrente, saíram aos n.ºs 2156, 3944 e 5363.

Previnem porisso os possuidores dos bilhetes do sorteio que promoveram, para mandar fazer a bandeira para a classe, que a *Historia do Cerco do Porto* pertence ao possuidor do bilhete que tem os n.ºs 2156 a 2160; o *Paraiso Perdido*, ao possuidor do bilhete que tem os n.ºs 3941 a 3945 e o *Rabbi da Galiléa*, ao possuidor do bilhete que tem os n.ºs 5361 a 5365.

Os premios podem ser procurados na Typographia Minerva Vimaranesense, á rua de Payo Galvão.

Fallecimento.—Falleceu no dia 1 do corrente, na sua casa, á rua de Alcobaça, a snr.^a D. Luisa Antonia de Sousa Faria, cunhada do snr. José Ferreira de Abreu e tia dos snrs. Emiliano, João, Ovidio e Carlos Abreu, e das esposas dos snrs. João Gualdino Pereira e José Augusto Ferreira Vieira.

Os seus funeraes realizaram-se, com numerosa e distincta assistencia, na capella de S. Francisco, na tarde de 2 do corrente, sendo o cadaver conduzido no dia 4 para S. Torquato, em cujo cemiterio foi sepultado.

A's familias enlutadas os nossos sentidos pezames.

Mercado semanal

No ultimo mercado semanal venderam-se os generos pelos seguintes preços:

Trigo	900
Centeio	550
Milho alvo	1.0050
» amarello	760
Feijão vermelho	1.0300
» branco	1.0350
» amarello	1.0150
» rajado	960
» fradinho	1.0050
Vinho tinto	450
Aguardente	3.0000
Azeite	7.2000
Batatas	540
Ovos, duzia	140
Gallinhas, uma	650

Argola de ouro

Achou-se uma, que se entregará a quem provar que lhe pertence.

R. Gil Vicente 67, se diz.

A Restauração



OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

—DE—

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 collecções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

Bibliotheca religiosa.

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranesense — Rua de Payo Galvão — Guimarães.

Recordação dos meus estudos

Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

1.^a série—Um vol. de 46 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "
2.^a série—Um vol. de 50 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 60 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
Franco de porte.

Officio da Immaculada Conceição

Texto portuguez com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 páginas, em bom papel:
Preço 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

As Bem-aventuranças evangelicas

Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Traducção do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
Franco de porte.

Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 112 páginas em 8.^o:
Em brochura 100 reis
Cartonado 160 "
Franco de porte.

Per que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á missa?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lycen de Guimarães. 2.^a edição auctorizada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primás.

32 paginas, em 8.^o
Preço avulso 30 rs. franco de porte. Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelocorreio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusivé, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

Vida de S. Luis Gonzaga

Modelo e protector da mocidade catholica

Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:
Preço 80 reis
Pelo correio 85 "

Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francês)

Um volume de 118 páginas em formato elegante:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

Nem de mais nem de menos

Romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um vol. de 108 páginas, em 8.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Izabel

Por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um volume de 156 páginas, em 16.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 reis

A Dictadura

Por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:
Preço 250 reis
Pelo correio 270 "

O almocreve das petas

Por Spiritus Asper.
1.^a vol., com 128 páginas, em 8.^o:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 réis. Em series de 20 ou mais exemplares, sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não será attendidas.

HIGH-LIFE — ATELIER DA MODA

93, Rua da Rainha, 97 — GUIMARÃES

Estação de verão. Chapéus para senhoras e creanças, segundo os ultimos figurinos de Paris. Exposição permanente. Variadissimo sortido Colletes de espartilho do Atelier portuense "A PRINCEZA,,

PREÇOS MODICOS.

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno 1\$800 rs.
Semestre 650 "
Trimestre 350 "
Numero avulso 30 "

Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha 20 "
Reclamos, até 5 linhas 100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de A Restauração.

O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, capellão de Montmartre.

Traducção de R. F.

Introdução do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administração do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 116 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

A RESTAURAÇÃO

6.^o anno

SEMANARIO CATHOLICO

N.^o 287

Ex.^{mo} Sr.